

Salomão Rovedo



Diários do facebook (II)

(2014/2015)

**Rio de Janeiro
2015**

Prefácio

Pra não deixar totalmente inútil o pequeno espaço que o facebook dá a seus agregados, comecei a escrever pequenos textos sobre assuntos em voga.

Aconselho que todos façam assim. Não se pode deixar de lado um espaço dado pra comunicação, inda mais neste mundo em que a pressa se transforma em ausência.

Posto que os terráqueos sempre sejam ousados, invasores, predadores, invencíveis – é no facebook que todos se encontram pra divulgar fatos e lorotas, marcar reuniões e encontros, coisas importantes e fúteis, tudo cabe no palco da internet.

Notícias, boas e más, necessárias e idiotas, hoje em dia só se publica nesse ponto de encontro – e outros similares – que todos se acham, embora estejam fisicamente distantes.

É também como estímulo para que o leitor não esmoreça e atribua a si o direito de usar qualquer espaço, por mínimo que seja, para espalhar os desejos, as preocupações, as ambições, seu protesto, opinando em todos os assuntos da sua cidade e país.

Não acredite que a palavra de alguém seja mais válida e poderosa do que a sua própria opinião – ao contrário, a voz alheia não será nada sem o seu aplauso, seu grito, seu apoio, sua repulsa.

Agora estão juntas todas as notas saídas entre 11/2/2014 e 4/4/2015 num só pacote. Tenho esperança que sirvam pra iluminar algumas cabeças na travessia do negro túnel que os governos e políticos insistem em nos endereçar.

Rio de Janeiro, Cachambi, 4 de abril de 2015.

Sininho e Dilma

Desculpe, mas não dá pra ficar calado. Morreu um jornalista. Fim do mundo! Um acidente trágico virou crime. Morreu a liberdade! Pegaram um *nerd*, arrocharam, agora vão pegar outro pra acusar de assassinato. A *nerd* Sininho (aquela fadinha, lembra?), foi ajudar e atrapalhou, a fatalidade virou crime.

O cinegrafista, “em 2013, fez o curso de jornalistas em áreas de conflito, onde recebeu um treinamento para enfrentar situações como a da última quinta-feira, dia 6.” [Band Notícias UOL]. No vídeo do treinamento, usa a equipagem indicada: colete à prova de balas, capacete, macacão especial, etc. No dia da tragédia estava de calça jeans e camisa. Talvez só o uso do capacete já lhe salvasse a vida.

Na verdade todo mundo tá tirando lucro da tragédia: TV, jornais, advogados, políticos. O Congresso prepara mais uma lei: quem matar jornalista pode ser fuzilado. Associações de classe, cupinchas, *et caterva*, declaram as bobagens de sempre, o lugar-comum corporativista.

A presidente Dilma pediu rigor na apuração e na punição. Quem diria! Pensar que essa senhora já foi Sininho: fez guerrilha, assaltou bancos, sequestrou, combateu as Forças Armadas, enfrentou a polícia, foi vítima e fez vítimas – tudo em nome da democracia e da liberdade! (11/02/2014)



O Calabouço

O Edson Luiz era da turma da tarde e eu da noite. Ele morreu em 1968 numa passeata. Estava indo para lá quando esbarrei com colegas trazendo o seu corpo, me uni ao grupo até a Câmara Municipal, onde foi velado.

No dia 4 de abril seria celebrada missa pra Edson na Igreja da Candelária. Eu trabalhava perto (Av. Rio Branco, 18), fui. Mal a missa terminou a igreja foi cercada pela ‘cavalaria’ da PM. Pra driblar o cerco nos dividimos em grupos, mas a cavalaria também se dividiu, os golpes de sabres – velhos e enferrujados – zuniam a torto e a direito.

Bolinhas de gude atiradas sobre o asfalto provocavam quedas espetaculares em cavalos e cavaleiros. Eu e outros estudantes varamos pra Av. Rio Branco, procurando abrigo. A cavalaria veio, a correria grassou, a gente em zigue-zague, a PM tentando nos alcançar.

Ao fim, entramos no edifício 446 da Av. Presidente Vargas. O porteiro abria a porta, a gente entrava, a porta fechava. A última do grupo a entrar foi uma menininha, branquela, magra, rosto afogueado, vestido suado. No exato segundo que a puxei o sabre chicotou suas costas – zap! – deixando o lanho da ferrugem.

Era a Sininho, que em 1968 já atuava contra a repressão – que não se dá só na Ditadura, na Democracia também. Fiquei preocupado, mas ela estava tranquila:

– *Quem está na chuva é pra se molhar*, disse segurando as lágrimas.

Sim, era a Sininho, que enfrentou a Ditadura em 1968, pintou a cara em 1980, em 2012 desfilou no *Black Bloc* e estará presente toda vez que a Liberdade estiver ameaçada em qualquer lugar do mundo. (12/02/2014)

Querida Xenia Antunes

Serei sempre seu admirador, mas não sou fã da Veja nem do jornal O Globo. Imprensa brasileira? Bleargh! Dá ânsias de vômito. Como diria um velho ditador: sem comentários...

Mas esse negócio de demonizar pra depois desmoralizar é do tempo de Caim e Abel. Quantos exemplos a História nos deu e continua dando, né Xenia Antunes?

Lembra-se da jornalista brasileira que foi *discretamente* ameaçada de 'processo' por escrever uma fantástica série de artigos intitulada "*Desconstruindo Lula*"?

Quem quer ser Joana D'Arc? Ninguém. Tem também aquele 'esqueçam o que fui' – 'esqueçam o que escrevi' (FHC) – 'esqueçam e filha que não fiz'. Tudo, enfim, que é a corrupção de si mesmo.

Felizmente a história não esquece tudo. Por fim, Xenia, o importante não é QUEM está fazendo, mas o QUÊ é pra ser feito. Importante é o objetivo, não o objeto, ou o bíblico 'olho por olho, dente por dente', ou – ainda – 'o fim justifica os meios' – mas não cito Maquiavel, embora fosse necessário... (13/02/2014)



Brasil abaixo de zero

Quem não assistiu a “Jamaica abaixo de zero” (Cool Runnings), comédia dirigida por Jon Turteltaub (1993), que conta a histórica participação da equipe de bobsleigh (ou bobsled) da Jamaica na Olimpíada de Inverno de 1988 em Calgary?

O filme faz piadas sobre a participação, em esportes de inverno, de equipes oriundas de países tropicais onde nunca pingou um cristal de neve.

Agora na Olimpíada de Inverno de Sochi, Rússia, a nossa equipe feminina de bobsleigh é notícia, não do tipo comédia, mas da trágica capotagem espetacular ocorrida num treino. A pilota Fabiana Santos e a companheira Larissa Antunes sofreram grave acidente na curva 11.

As duas saíram caminhando, uma mancava muito, passaram por exames. Sinceramente, parecia que estava assistindo o *remake* daquele filme.

Treinamento é tudo, gente, treinamento. Será que vem aí o “Brasil abaixo de zero”? (17/02/2014)



Cerveja brasileira

A cerveja brasileira tá um mijo! [o editor de texto Word pede que toque a palavra mijo por urina]. Tá bom: a cerveja brasileira tá uma urina! Falo das cervejas que estão ao nível do salário dos pobres mortais (igual ao meu), que na primeira mamadeira se acostumaram a beber Brahma e Antártica.

Depois vieram: Pérola, Casco Escuro, Faixa Azul, Boêmia, Weiss, Skol, Ouro Fino, Serramalte e um monte de outras. Era tempo de beber cerveja decente. Aí chegou a globalização cervejeira – a Brahma comprou a Antártica, incorporou a Skol, fundiram-se com a Ambrew, virou Ambev – os consumidores se foderam.

As cervejarias viraram um negócio perigoso: mortes ocorreram antes da Schim ir pro Japão (Kirin). Os ingredientes também: hoje se bebe cerveja acrescida de “cereais não maltados” (sabe-se lá o que tem aí!), Conservante, Acidulante, Corante Caramelo e outros cancerígenos.

E, acreditem, o cúmulo dos cúmulos: depois da cerveja cumprir o rito, antes de ser engarrafada, a cervejaria inescrupulosa bota mais água!

Parei! Agora pago mais caro, mas só bebo cerveja se lá no rótulo estiver escrito: Ingredientes – Água, Malte, Cevada, Lúpulo. Nada mais! (22/02/2014)



Rio, Saara

O maçarico está aceso no Rio de Janeiro – temperatura média 45°C! Carioca não reclama: tem mais de 80 km de praias.

Em 2014 uma ou outra já vem com xampu de algas e cocô. Não dá pra tapar o sol com peneira.

Mas tem também refúgios refrescantes: Alto da Boavista, Paineiras, Corcovado, Floresta da Tijuca, Pedra da Gávea, Vista Chinesa, Altos do Joá... Alguns com a emoção adicional de sofrer assalto a qualquer hora – mas o Carioca tira essa opção de lado, nem pensa nisso. Prefere curtir córregos, grutas, cachoeiras, verdadeiros oásis dentro do Rio.

Ou então parte pra Serra: Araras, Petrópolis, Teresópolis, Friburgo ou Itatiaia (que tem invernos de zero grau). Mas, como disse lá no começo, o maçarico está aceso no Rio – primavera/verão de 45°C!

Vivaldi aqui comporia “As duas estações”, pois o clima da Cidade Maravilhosa: ou é calor saariano ou monções asiáticas.

Mas a música agora é samba, bloco de sujo, carnaval – vamos curtir gente! Birlita gelada, xixi na rua, confete, serpentina, garota ao lado, são itens indispensáveis. Evoé Momo! Evoé Baco! Evoé Vênus! (25/02/2014)



São Luís

Estou em São Luís, MA, terra de minha infância/juventude. Revejo muitos parentes, poucos amigos, posto que o tempo já dispersou a maioria. Sinto uma estranha leveza – por quê? Lembro que eu sou o próprio tempo que passei aqui. Que tirei toneladas de sentimentos com que a vida costuma sobrecarregar a caminhada.

Despi o sobretudo da avareza, aprendi a não julgar os outros, desvesti-me do sentimento de inveja, deixei de lado o ódio, esqueci o rancor no banco da praça, joguei fora o egoísmo, enterrei a ambição.

São atitudes instintivas, a tomar bem cedo, com coragem – e só servem para quem não quer ficar rico. Por isso corri riscos: aparência de pobreza, sensação de omissão, sentimento de

covardia, descrença nos outros – são perigos a enfrentar. A compensação é estar mais íntegro e mais amoroso.

Cada um é o que é, portanto, abraça e compreende a vida sem limites, com integridade; ser feliz assim do nada traz segurança, leveza; o desafio é manter-se vivo, amar mais, querer mais, mais, mais... (28/02/2014)

Baú

Meu baú de infelicidades é que nem um cofre de barro: as moedinhas depositadas ao longo do tempo só saem se ele for quebrado. Fico olhando de longe, meço o tamanho, sinto o peso, mas nada me anima a mexer naquilo. Deixa pra lá!

O que sofri, o que fiz sofrer, o que apanhei, o que bati, tudo isso é coisa que o tempo curtiu e hoje está tão rijo como um cadáver, que em breve será incinerado.

E porque deixei esse peso todo de lado, estou mais leve e apto a não repetir os erros, ouvir com bom ouvido as queixas, perdoar e pedir perdão aos que magoei. (14/03/2014)

Ooiiiêê...

Todo mundo viu o rebu que causou a desocupação do imóvel da OI no Rio de Janeiro, invadido pelo MSTeto. Foi um dia de cão: ônibus, automóveis, prédios e viaturas incendiados; comércio fechado, bancos, lojas e supermercados depredados, ruas interditadas, o etc. vocês podem imaginar.

2.500 policiais mobilizados, inúmeras viaturas, pás mecânicas, corpo de bombeiros, limpeza urbana. Alguém pode avaliar o quanto em \$\$\$ isso custou do dinheiro do contribuinte? Milhões, acreditem.

A gente que já paga por jogar lixo no chão, mijar no beco, cinto de segurança, celular em auto, taxa de inspeção sanitária, certificado de marquise, publicidade nas ruas, coleta de lixo, fiscalização em feira livre, cemitério e coletivos, ISS, IPTU, IPVA, ITBI, COSIP, TIS – uma porrada de grana, enfim, a gente, que paga tudo, queremos saber:

– A OI vai pagar pelo custo despendido na desocupação dos imóveis que ela mesma abandonou? Hem? Hem? Hem?
(13/04/2014)

Vinhos...

Meu primo Quincas – como eu – gosta de vinho. Não somos expertos, nem enólogos metidos a besta: apreciamos, é simples. Dia desses ao almoço ele abriu a garrafa de um tinto italiano. Não era um Valentini ou um Poggio, nem tão encorpado quanto o Malbec, *mendocino*, ou o Rioja, de Álava, mas era sanguíneo, com transparência mediterrânea.

O primo não gostou – e quando não gosta, condena-o a vinagre, sem dó nem piedade. Coitado do vinho...

Terminado o almoço, assunto puxa assunto, aqui e acolá, fomos levando a conversa pra tons gostosos, enquanto chegava a sobremesa, até mesmo depois quando os pratos, travessas, talheres, sumiram da mesa, tanto quanto o líquido esvaeceu da garrafa.

Joaquim socorreu-se da algoada tapuiranas pra dissipar o apetite. Eu fiquei só diante da garrafa, vazia e grata a mim, por tê-la livrado do pior dos destinos do seu nobre conteúdo: virar acético para saladas. (22/04/2014)

Mahler e Caracas

Não tem coisa melhor que começar o dia ouvindo música. Ainda que no mais remoto interior, onde a música é o som da natureza, o ruído da água, o canto do galo, os trinados do canário ou do coleiro malvadamente engaiolados, os sons da passarinhada que corre livre pelos arbustos bicando mangas, goiabas, sapotis – música é bom demais.

No Cachambi, subúrbio do Rio de Janeiro a música vem pela TV, com a surpresa de ouvir Mahler – compositor alemão de música clássica, e não um rapper, sambista ou funkeiro.

Mas não é só Mahler: é simplesmente a sua Sinfonia nº 1 sendo executada pela Orquestra Sinfônica Juvenil da Venezuela, regida pelo maestro britânico Simon Rattle (titular da Filarmônica de Berlim), no Festival de Salzburg, Áustria!

Que feliz ver crianças que mal conseguem carregar os instrumentos serem aplaudidas de pé por uma multidão de três mil espectadores, no teatro cheio, sorrindo e chorando de emoção. (22/04/2014)



Crash

O sistema caseiro de uso doméstico mais simples é “*use and wash*”, por isso o adotei, junto ao método de “*lavagem digital*”, ou seja, se não for limpeza pesada, água, mãos e dedos resolvem.

Foi esse o trato que dei ao copo que acabara de usar. Era copo comum, vidro transparente, da marca NF (dona Nadir Figueiredo produz bons copos), que certo dia chegou aqui em casa contendo a mistura química que os fabricantes chamam “requeijão”.

Mas, lendo as letras pequeninas sabe-se que é: creme de leite, soro de leite, caseinato de cálcio, água, sal, cloreto de cálcio, fermentos lácteos, enzima protease, estabilizantes

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

